

A COMUNICAÇÃO EM MUSEUS: NOTAS SOBRE CRISES E POLÍTICAS PÚBLICAS E QUESTÕES SOBRE O FUTURO PÓS-PANDÊMICO

Leilane Patricia de Lima

leilaneplima@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4199011951459442>

Resumo

No presente artigo proponho apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de pós-doutoramento, na área de Museologia, desenvolvida no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), entre os anos de 2015 e 2020, com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Um dos objetivos desta investigação foi analisar os elementos comunicacionais de museus paulistas e paranaenses, para além das exposições. Logo após apresentar estes resultados parciais, farei algumas outras reflexões, mais amplas, sobre crises e políticas públicas no setor museológico nacional, com especial atenção ao setor cultural e museológico paulista. A partir das constatações e das reflexões aqui tratadas, apresentarei um conjunto de questionamentos que podem orientar os próximos passos desta investigação. A ideia, daqui para frente, seria mapear alguns dos “novos” desafios que são ou que serão colocados às instituições museológicas paulistas, nos contextos pandêmico e pós-pandêmico.

Palavras-Chave: Museu; Comunicação; Novos Desafios.

Abstract

In this article I propose to present the partial results of a post-doctoral research in the area of Museology, developed at the Museum of Archeology and Ethnology of the University of São Paulo (MAE-USP), between the years 2015 and 2020, with the help of financial support of the São Paulo Research Foundation (FAPESP). One of the objectives of this investigation was to analyze the communicational elements of São Paulo and Paraná museums, in addition to the exhibitions. Immediately after presenting these partial results, I will make some other, broader reflections on crises and public policies in the national museum sector, with special attention to the São Paulo cultural and museum sector. From the findings and reflections discussed here, I will present a set of questions that can guide the next steps of this investigation. The idea, from now on, would be to map some of the “new” challenges that are or will be placed on São Paulo's museological institutions, in the pandemic and post-pandemic contexts.

Keywords: Museum; Communication; New Challenges.

Introdução

As reflexões aqui apresentadas são partes de uma pesquisa de pós-doutoramento na área de Museologia, que contemplou o estudo de museus paulistas e paranaenses e de suas exposições. A pesquisa denominada “Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: análise de exposições museais no oeste de São Paulo e norte do Paraná” foi desenvolvida sob supervisão de Marília Xavier Cury, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), entre os anos de 2015 e 2020,

com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

De um modo geral, esta investigação foi orientada para o eixo temático Museologia e Comunicação Museológica, Museografia e Museu, Coleções Indígenas e Exposição. De maneira específica, o intuito da pesquisa foi atender a cinco objetivos: analisar os elementos comunicacionais dos museus¹, para além das exposições; estudar exposições no que diz respeito à concepção política, museológica e expográfica; desenvolver um guia sobre o método de análise utilizado; traçar paralelos entre diferentes realidades museológicas e estabelecer um panorama referencial sobre a apresentação da Arqueologia em exposições museais.

Como *locus* do estudo foi proposto um recorte regionalizado, com intuito de contemplar municípios de duas unidades geopolíticas vizinhas, São Paulo (região centro-oeste do estado) e Paraná (região norte do estado). Ambas as regiões e seus respectivos municípios compartilharam processos de ocupação humana e de colonização bastante semelhantes. Primeiramente, populações indígenas pré-históricas e históricas habitaram essas regiões e, em seguida, a colonização esteve relacionada à expansão da cafeicultura, ou seja, à forma capitalista de ocupação e de uso da terra – entre o final do século XIX e o início do século XX - com a presença de frentes pioneiras de ocupação, de ferrovias, de terras boas para o cultivo do café e de outros produtos, de investimentos da iniciativa privada, de imigração etc. (LIMA, 2016, p. 120).

Em se tratando dos recursos metodológicos utilizados, foram realizadas visitas técnicas às instituições museológicas e, por sua vez, aos seus espaços expositivos. Para levantar as informações de modo padronizado foi aplicado, durante as visitas, um instrumento de pesquisa denominado *Roteiro de análise de museus e de exposições*². Este instrumento foi baseado no *Roteiro de Observação para Visita a Museus* (2013) e nas categorias e nas questões apresentadas no projeto *Análise de Exposições Antropológicas* (2012), ambos de autoria da museóloga, da docente e da pesquisadora

¹ A comunicação é etapa fundamental do processo curatorial. Este processo envolve todas as ações em torno do objeto museológico: a formação de acervo, a pesquisa, a salvaguarda (conservação e documentação museológica) e a comunicação (exposição e educação) (CURY, 2009: 32-33). Sobre a comunicação, destaco três pontos que, em certa medida, direcionaram a pesquisa de pós-doutorado: o museu é um espaço comunicacional por excelência (ROQUE, 2010, p. 48), a comunicação no museu acontece através de múltiplos elementos, que ultrapassam os limites físicos da exposição (ABREU, 2013, p. 58) e, finalmente, o nível comunicacional de museus na exposição não é uniforme, uma vez que os discursos e os sentidos atribuídos aos acervos expostos são heterogêneos (ROQUE, 2010, p. 48-49).

² Mais informações sobre o *Roteiro de análise de museus e de exposições*, consultar Lima (2016: 21-23).

Marília Xavier Cury. Tais itens, categorias e questões sinalizaram para uma análise conectada entre museu, exposição, objeto e visitante.

A investigação desenvolvida abrangeu a análise de 57 instituições, localizadas nas regiões oeste e centro-oeste do estado de São Paulo e na região norte do estado do Paraná (**Tabela 1**). Tais instituições são de tipologias multiformes (centros culturais, memoriais e museus), associadas às disciplinas, às temáticas e às especialidades que as caracterizam (Museus de Arqueologia, de História (a maioria deles), de Ciências, de Geologia, de História Natural), com naturezas administrativas distintas – museus privados, públicos estaduais, públicos municipais, mistos; e acervos variados: Antropologia e Etnografia, Arqueologia, Artes Visuais, Ciências Naturais e História Natural, Ciência e Tecnologia, História, Imagem e Som, Biblioteconômico e Documental (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM), 2011, p.19-20).

Tabela 1. Museus visitados, estados de São Paulo e Paraná

Municípios	Instituições paulistas
Assis	Museu e Arquivo Histórico de Assis – Casa de Taipa “José de Freitas Garcez” e Anexo “José Giorgi” Museu Ferroviário Agenor Francisco Felizardo
Paraguaçu Paulista	Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior
Iepê	Museu de Arqueologia de Iepê Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê
Pedrinhas Paulista	Centro Cultural (Museu dos Pioneiros)
Gália	Centro Cultural (Museu Municipal de Gália)
Garça	Museu Histórico e Pedagógico de Garça
Marília	Museu Histórico e Pedagógico Embaixador Hélio Antônio Scarabôtollo Museu de Paleontologia de Marília
Vera Cruz	Memorial de Vera Cruz
Bastos	Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka
Tupã	Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre Museu Histórico de Varpa Janis Erdberges
Bauru	Museu Ferroviário Regional Museu Histórico Municipal
Ourinhos	Museu Municipal Histórico e Pedagógico de Ourinhos
Presidente Prudente	Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia Museu Prefeito Antônio Sandoval Netto
Chavantes	Museu Histórico Municipal Adibe Abdo do Rio
Piraju	Museu Histórico Constantino Leman Centro Regional de Arqueologia Ambiental Mário Neme (USP)
Santa Cruz do Rio Pardo	Museu Histórico Pedagógico de Santa Cruz do Rio Pardo “Ernesto Bertoldi”
Total	23
Municípios	Instituições paranaenses
Cafeara	Museu Histórico Municipal João Rissati
Colorado	Museu Municipal de Colorado
Uniflor	Fundação Museu Histórico e Centro Cultural Professora Maria Aparecida da Silva Ayres
Itaguajé	Casa da Cultura José Pereira Neto

Santo Inácio	Museu Histórico de Santo Inácio
Bela V. Paraíso	Museu Municipal Gecy Fonseca
Porecatu	Museu Municipal José Jabur
Sertanópolis	Museu Histórico de Sertanópolis
Cambé	Museu Histórico de Cambé
Londrina	Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss Museu de Geologia e Pedologia (UEL) Museu da Sociedade Rural do Paraná Centro de Referência, Memória e Cultura Indígena Centro de Visitantes Mata dos Godoy
Ibiporã	Museu Histórico e de Artes de Ibiporã Museu do Café de Ibiporã
Jataizinho	Museu Histórico de Jataizinho
Arapongas	Museu de Arte e História de Arapongas
Rolândia	Museu Municipal de Rolândia Museu da Imigração Japonesa Fazenda Bimini
Maringá	Museu Dinâmico Interdisciplinar (UEM) Museu da Bacia do Paraná (UEM) Museu de Geologia (UEM) Museu de História e Artes Hélenon Borba Côrtes Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (UEM) Museu Histórico (Unicesumar)
Florianópolis	Memorial Kimura
Cornélio Procopio	Museu de História Natural Mozart de Oliveira Vallim Museu Histórico de Cornélio Procopio
Apucarana	Museu David Cordeiro
Mandaguari	Museu Cocari Museu Histórico Professora Elizabeth Ana Fontes
Marialva	Museu Memorial de Marialva Marco Arthur Saldanha Rocha (Prof. Tuta)
Total	34

Fonte: Elaborado pela autora

A comunicação em museus, para além das exposições: resultados parciais de um estudo

Neste artigo proponho retomar algumas constatações resultantes da análise sobre a comunicação, para além das exposições, em museus paulistas e paranaenses³. Nesse sentido, embasada nas experiências de campo (visitas técnicas) e inspirada nas proposições de João Pedro Coelho Gomes de Abreu, elencadas em sua tese de doutorado denominada *Museus: Identidade e Comunicação - Instrumentos e contextos de comunicação na museologia portuguesa* (2013), investiguei nos museus,

³ Os resultados quantitativos e as reflexões qualitativas sobre a comunicação em museus paulistas e paranaenses foram apresentados de forma mais ampla no capítulo de minha autoria “A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais”, publicado no livro *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações* (2020), organizado por Marília Xavier Cury, com o apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SEC-SP), da Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari (ACAM Portinari) e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Alguns resultados serão retomados de maneira sucinta neste artigo.

anteriormente apresentados, aquilo que este autor chamou de elementos fundamentais para uma comunicação eficiente nas instituições museológicas: elementos pontuais, elementos transversais e elementos estruturais.

Segundo Abreu (2013, p. 58-73), a coordenação de todos estes elementos de comunicação seria decisiva para os museus porque a ausência ou a falta de sintonia entre eles poderiam resultar em uma imagem distorcida e difusa, levando o público às expectativas não correspondidas. Sendo assim, o conjunto destes elementos – pontuais, transversais e estruturais – foi observado e registrado no decorrer das visitas técnicas em museus paulistas e paranaenses.

Em linhas gerais, para os elementos pontuais, foram consideradas as estratégias de marketing adotadas nos museus para ampliar a visibilidade, captar novos visitantes e propiciar uma relação mais longa com os seus públicos. Para os elementos transversais foi considerado o conjunto de sinalizações e de informações para auxiliar o visitante a chegar aos museus, a adentrar e a circular nas instituições. Para os elementos estruturais foi considerado o conjunto de recursos, de instalações e de espaços oferecidos nos museus para garantir aos visitantes uma visita de qualidade e uma experiência segura, acolhedora e confortável.

A pesquisa em instituições museológicas paulistas e paranaenses revelou que alguns poucos museus dispunham de todos os elementos de comunicação e encontravam-se em pleno funcionamento. Todavia, a pesquisa revelou também que grande parte das instituições museológicas não dispunha ou dispunha, parcialmente, destes elementos fundamentais do ponto de vista da comunicação museológica.

Por exemplo, no que diz respeito aos elementos pontuais, um número expressivo de instituições não havia adotado nenhuma ação de marketing para divulgar suas atividades ao público, sendo tal ausência um fator que poderia comprometer a visibilidade e a atração de novos visitantes. Sobre os museus que desenvolviam ações de marketing, observei que estas ações não eram realizadas de forma periódica, que não eram orientadas para atrair públicos específicos e que o marketing digital, realizado periodicamente no ambiente virtual e online, era ainda pouco explorado em alguns destes museus.

No que se refere aos elementos transversais, que ajudariam o visitante a chegar aos museus, notei, em muitos trajetos, a ausência ou o uso limitado de placas de direção, de distância e de informação. A ausência destas sinalizações poderia comprometer a qualidade da experiência do visitante, antes mesmo de chegar ao museu. Em relação às

informações e às sinalizações que ajudariam o público a adentrar e a circular no espaço interno do museu, observei que algumas instituições não eram facilmente identificáveis no contexto onde estavam implantadas. Além disso, notei que poucos museus apresentavam informações sobre a instituição e o seu funcionamento (dias e horários) e que um número muito reduzido de instituições se identificava como espaço acessível ou utilizável por pessoas com necessidades especiais ou com mobilidade reduzida.

No que diz respeito aos elementos estruturais, observei que alguns museus não dispunham de canais e de recursos para atendimentos não presenciais (telefone e internet). Em se tratando dos atendimentos presenciais, alguns museus não dispunham de infraestrutura completa para atender diferentes públicos. Nesse sentido, registrei a falta de informações acessíveis, de sinalética de acessibilidade e de segurança, de rampas de acesso, de pisos táteis, de estacionamentos acessíveis, de áreas de descanso, de banheiros acessíveis, de dispositivos relacionados à segurança do edifício e de equipamentos destinados a garantir a detecção, o controle e o combate a incêndios. Notei também que alguns museus não tinham espaços específicos e adequados para o desenvolvimento de atividades técnicas, educacionais e administrativas.

De um lado, a análise sobre a comunicação em museus, para além das exposições, evidenciou a situação desprivilegiada de alguns museus que sofriam, principalmente, com a falta de recursos humanos, de recursos financeiros e de espaços físicos adequados. Por outro lado, tal análise indicou que estes museus precisam de suporte humano especializado, de voluntariado, de apoios financeiros, de parceiros, de projetos e de financiamentos institucionais, precisam de legislações e de políticas públicas coerentes para o enfrentamento de suas demandas cotidianas, que serão conhecidas e reconhecidas, sobretudo, a partir da presença de pesquisadores nestes espaços (LIMA, 2020, p. 213) .

Tendo como ponto de partida essa análise realizada em um dado universo museológico, delimitado regional e temporalmente, farei outras reflexões, mais amplas, sobre crises e políticas públicas no setor museológico nacional, com especial atenção ao setor cultural e museológico paulista. A partir das constatações e das reflexões, apresentarei um conjunto de questionamentos que podem orientar os próximos passos desta análise, no sentido de mapear alguns dos “novos” desafios que são ou que serão colocados às instituições museológicas paulistas nos contextos pandêmico e pós-pandêmico.

Crises, políticas públicas e algumas questões sobre o futuro pós-pandêmico dos museus

Em entrevista concedida à Leila Kiyomura da Rádio USP, no dia 01 de junho de 2020⁴, a professora Giselle Beiguelman, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), afirmou que o setor cultural mundial foi atingido pela pandemia da COVID-19. Para exemplificar sua afirmação, a professora citou um relatório publicado pela revista ArtForum⁵ que indicou que 13% dos museus, no mundo, não reabrirão mais depois do fim do distanciamento social.

Outro relatório, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em maio de 2020, revelou que o número mundial de museus aumentou quase 60% desde 2012, totalizando 95 mil instituições aproximadamente. E, de acordo com as estimativas apresentadas, 90% destes museus fecharam suas portas em obediência às medidas de segurança e de restrição de circulação e, ao menos, 10% podem fechar definitivamente. Ainda, a crise sanitária global aprofundou desigualdades: apenas 5% dos museus africanos e dos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (PEID) conseguiram preparar e disponibilizar conteúdos online. Os dados apresentados, neste documento, destacaram o enorme desafio que os museus enfrentam e que vão continuar enfrentando para que continuem a desempenhar suas funções sociais, culturais e educacionais (UNESCO, 2020, p. 18).

Mais um relatório publicado foi o do Conselho Internacional de Museus (ICOM), que coletou 1600 respostas de profissionais de museus em 107 países, nos cinco continentes, entre 7 de abril e 7 de maio de 2020. De acordo com a análise dos dados, as respostas recebidas reforçaram um clima generalizado de incertezas sobre o futuro dos museus e ressaltaram a necessidade de os governos responderem com força para garantir o futuro destas instituições e do patrimônio cultural, considerados como elementos culturais vitais para as comunidades (ICOM, 2020, p. 2).

Muito embora haja uma grande incerteza sobre o futuro, é preciso registrar que a pandemia do coronavírus transformou-se, rapidamente, em um estímulo para mudanças de comportamentos e de relacionamentos sociais, o que pode se reverter em oportunidades para as instituições museológicas. Nesse novo contexto, é importante que os museus estejam abertos ao novo, ao inesperado, às novas formas de trabalho, aos

⁴ <https://jornal.usp.br/radio-usp/a-cultura-e-umas-das-principais-vitimas-da-covid-19/>

⁵ <https://www.artforum.com/>

novos conhecimentos e aos novos relacionamentos com os públicos (STUDART, 2020). Da mesma maneira, é importante que estejam atentos a novas prioridades e parcerias e a outros modelos e práticas museológicas, mais autônomas, mais abertas e mais inclusivas. É preciso que os museus continuem respondendo, criativamente, à realidade (CURY, 2003), que coloquem a inventividade e a imaginação em ação, que façam novos planejamentos e que elaborem novas estratégias para permanecerem vivos e resistentes.

Conforme afirmou Bolaños (2009-2010, p. 24-26), é na própria natureza da crise que está o instinto de responder e de reagir, como foi registrado em outras crises históricas vivenciadas pelos museus, como as dos anos posteriores as duas grandes guerras. Outro exemplo, ao refletir sobre como a crise financeira de 2008 afetaria os museus da América do Norte, Yves Bergeron (2009-2010, p. 61-63) explicou o financiamento e o funcionamento de museus norte-americanos. Em termos de financiamento, os governos estaduais e federais apóiam estes museus através de diferentes programas, mas a maior fonte de recursos destinados às instituições é da iniciativa privada. Em termos de funcionamento, os museus norte-americanos dão um importante papel aos voluntários, a quem confiam responsabilidades em todos os setores de atividade do museu. Os conselhos de administração também são formados por voluntários que podem estabelecer fundações ou associações para buscar recursos. No que se refere à crise econômica de 2008, ela levou os museus norte-americanos à revisão de seus financiamentos e de suas despesas e ao adiamento ou ao abandono de projetos importantes. Apesar de as perdas econômicas, elementos positivos surgiram da crise. Verificou-se, por exemplo, que a visitação aos museus municipais permaneceu e que o número de novos membros associados aumentou (BERGERON, 2009-2010, p. 64- 65).

Ao pensar sobre o contexto atual do Brasil, país que segue a filosofia francesa de manutenção estatal dos museus, sabe-se que hoje a situação do setor cultural é muito grave. Retomando a entrevista anteriormente citada, a professora Giselle Beiguelman mencionou a reportagem de Gustavo Fioratti e Nicola Pamplona, publicada pela Folha de São Paulo no dia 23 de maio de 2020⁶. Tal notícia alertou sobre as centenas de demissões em rede de museus e de teatros, em São Paulo e no Rio de Janeiro, estados que já executam uma gestão mista pública-privada para os museus. Ainda, a reportagem

⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/05/semana-termina-com-centenas-de-demissoes-em-redes-de-museus-e-teatro.shtml>

alertou que este problema não está restrito às grandes capitais, mas recai também sobre trabalhadores de museus e de centros culturais em todo o país. Um dado relevante sobre as demissões foi divulgado na “Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da pandemia da COVID-19 na educação museal do Brasil”, publicada no dia 30 de abril de 2020, pelo Comitê para Educação e Ação Cultural (CECA BR) do ICOM Brasil e pela Rede de Educadores em Museus do Brasil (REM BR). Este documento revelou que ao menos 35 instituições museológicas haviam demitido educadores até aquele momento.

Todavia, a crise recente no setor museológico nacional não foi causada apenas pela pandemia. Esta crise generalizada é fruto também do lugar secundário da cultura nas pautas políticas e na agenda de desenvolvimento do país, fortemente colocada no período atual. A redução do Ministério da Cultura à Secretaria Especial, integrada agora ao Ministério do Turismo, e as sucessivas trocas de comando nesta secretaria ajudam a exemplificar um movimento que não somente desvaloriza a cultura brasileira, mas que também, muitas vezes, se coloca contra ela, por meio de ataques, de fechamentos e de desfinanciamentos. Nessa circunstância, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), peça chave na atual Política Nacional de Museus (PNM) perde peso e importância e é levado a assumir papéis menores na formulação política.

Aqui coloco um parêntese. A política pública para o setor museal, hoje fragilizada e limitada, veio do reestabelecimento democrático do país e teve como antecedentes as políticas sociais estabelecidas no período posterior à Constituição de 1988. Especificamente, a PNM foi estabelecida no ano de 2003, durante a gestão do então ministro da Cultura, Gilberto Gil. Seu estabelecimento foi uma resposta a uma demanda antiga do setor museológico nacional. Tal política foi constituída por diferentes eixos de atuação e buscou a estruturação e o fortalecimento deste setor. Entre alguns de seus avanços, destacam-se a institucionalização do Sistema Brasileiro de Museus, em 2004, a promulgação e a publicação do Estatuto de Museus – Lei nº 11.904 em 2009, a criação do Instituto Brasileiro de Museus, também em 2009, e a elaboração do Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), que foi concebido ao longo do 4º Fórum Nacional de Museus, realizado em Brasília, em julho de 2010 (VIAL, 2017, p. 171-172). Em 2013, destaca-se a publicação do decreto nº 8.124 que regulamentou o Estatuto de Museus e as ações do Ibram.

Em relação ao Ibram, desde o ano de 2011, esta autarquia lança prêmios e editais de fomento em apoio aos museus brasileiros. Estes editais foram voltados à abertura de

novos museus (Mais Museus, 2011, 2013), à modernização de espaços museais já existentes (Modernização de Museus, 2011, 2013, 2015, 2018 (Prêmios); Modernização de Museus, 2011, 2012, 2014 (Microprojetos)), ao reconhecimento de práticas educativas (Prêmio Darcy Ribeiro, 2011, 2012, 2015, 2019), ao reconhecimento de trabalhos jornalísticos relacionados aos museus do Brasil (Prêmio Mario Pedrosa, 2011, 2012), ao reconhecimento de práticas museais e de processos promovidos por grupos étnicos-culturais (Pontos de Memória, 2012, 2014), à implantação e ao fortalecimento do Sistema de Museus (2015) e ao reconhecimento de práticas de memória e museologia social no estado do Rio de Janeiro (2016). Nota-se, contudo, a diminuição expressiva do número de editais (cinco em 2011, nenhum em 2017 e um em 2019)⁷.

Entre outras ações desenvolvidas pelo Ibram é importante também destacar a elaboração da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), instituída pela portaria Portaria nº 422, de 30 de novembro de 2017⁸ e a publicação do Caderno da Política Nacional de Educação Museal⁹, obra que apresenta um breve histórico da educação museal no país, um resumo do processo de elaboração da PNEM e os conceitos-chave que devem guiar o trabalho no setor.

Sobre a PNEM, esta é uma orientação dirigida ao campo museal para a realização de ações que fortaleçam os profissionais e que garantam condições mínimas para a realização das práticas educacionais nos museus e nos processos museais. Este documento reúne princípios, diretrizes e objetivos que foram definidos de forma colaborativa após a realização de encontros regionais, a aprovação da Carta de Petrópolis (2012) e da Carta de Belém (2014), nas respectivas edições do Fórum Nacional de Museus, e a consulta pública. Entre os princípios da PNEM está o estabelecimento da educação museal como função dos museus, reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, a comunicação e a pesquisa. Entre as diretrizes sobre os profissionais do setor estão a promoção do educador, o reconhecimento de suas atribuições, o fortalecimento de seu papel no museu e a sua valorização profissional. Percebe-se, no entanto, que na atual conjuntura o setor da educação museal é um dos que mais vem sofrendo cortes, conforme acompanhamento realizado pelo CECA do ICOM Brasil e pela REM BR, ao passo que

⁷ <https://www.museus.gov.br/categoria/fomento-financiamento/>

⁸ <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/12/2017&jornal=515&pagina=5&totalArquivos=192>

⁹ <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>

a PNEM veio a preencher uma demanda do setor e um espaço privilegiado na legitimação das funções educacional e social do museu.

Em termos estaduais, é preciso considerar a atuação das secretarias de cultura, no que diz respeito aos museus. Em São Paulo, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SEC-SP) tem suas atividades-fim realizadas por 5 unidades gestoras, sendo uma delas a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM), responsável pela elaboração, pelo desenvolvimento e pela avaliação de diretrizes e políticas públicas relacionadas ao patrimônio museológico estadual. Esta unidade mantém uma rede composta por equipamentos culturais, geridos em parceria com Organizações Sociais de Cultura e o Sistema de Museus do Estado de São Paulo (Sisem-SP).

Entre os programas de fomento do estado de São Paulo para a Cultura¹⁰, destaca-se o Programa de Ação Cultural (ProAC), que corresponde a um conjunto de mecanismos para aporte financeiro à produção cultural estadual. Atualmente, existem dois modelos para o cadastramento de projetos culturais: o ProAC Expresso Editais e o ProAC Expresso ICMS. O primeiro deles corresponde à disponibilização de parte do orçamento da própria Secretaria para a implementação de projetos recebidos de todo o estado. O segundo, utiliza-se de recursos públicos por meio da renúncia fiscal do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços permitindo que empresários escolham, dentre os projetos previamente autorizados, aqueles que desejam direcionar recursos advindos de parte dos impostos recolhidos por suas instituições¹¹.

Nos 10 anos do ProAC Editais, entre 2006 e 2015, o segmento de teatro/artes cênicas foi o que recebeu o maior montante de recursos (21% do total), seguido por audiovisual (18%) e festivais/difusão (11%). Na sequência, música ficou com 8% dos recursos, dança e produção literária/leitura com 7% cada. Circo e multidisciplinares ficaram com 6% cada, artes visuais com 4% e culturas tradicionais com 3%. Os demais segmentos (Museus, Patrimônio, Cultura Negra, Cultura Indígena etc.) ficaram com 2% ou menos, cada um (SEC-SP, 2016, p. 9).

Apesar de os avanços, brevemente descritos, sobre as políticas públicas voltadas ao setor museológico no Brasil e sobre a atuação da Secretaria de Cultura no estado de São Paulo, o momento atual parece estar marcado pelo recuo ou paralisações de ações políticas mais efetivas em apoio ao setor museológico. Basta olhar para os acontecimentos gravíssimos que foram vivenciados nos últimos tempos, como o

¹⁰ <http://www.transparenciacultura.sp.gov.br/programas-de-fomento/>

¹¹ <https://www.sisemsp.org.br/acoes/fomento/>

incêndio de grandes proporções que se abateu sobre a sede do Museu Nacional (UFRJ) na Quinta da Boa Vista na cidade do Rio de Janeiro, em 2018, que destruiu quase a totalidade do acervo institucional, internacionalmente reconhecido, constituído ao longo de 200 anos. Na ocasião, testemunhou-se a indiferença de líderes políticos sobre a situação. Em 15 de junho de 2020, o Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi vitimado por um incêndio em parte das suas edificações, o que só reforça a situação de indiferença. No estado de São Paulo sofreram incêndios o Memorial da América Latina (2013) e o Museu da Língua Portuguesa (2015), também exemplos que deveriam ser evitados por protocolos e por planos de segurança consolidados nas práticas e nas políticas públicas culturais, entre elas as dos museus¹².

Todas essas considerações pontuadas revelam que o cenário que se delineia à frente aponta para o corte ainda mais drástico de recursos financeiros e de recursos humanos, bem como para novas formas comunicacionais nos museus, com ações via plataformas e mídias sociais. Para citar um exemplo sobre corte financeiro, uma coluna publicada na Folha de São Paulo no dia 16 de junho de 2020, escrita por Bruno Brulon e Renata Vieira da Mota, informou que nas organizações sociais de cultura que têm atuação no estado de São Paulo, o corte orçamentário foi de R\$ 68 milhões de reais, o que representou redução salarial temporária ou suspensão de contratos para 80% dos seus trabalhadores¹³.

Os efeitos de tais cortes e mudanças serão recebidos e sentidos de formas variadas, dependendo das especificidades e das condições de cada museu brasileiro (SALADINO e MUNIZ, 2020). De um modo geral, é possível supor que a falta de recursos, tanto financeiros quanto humanos, pode se desdobrar em inúmeros problemas e desafios ligados à gestão e às ações técnico-científicas de preservação e de comunicação no ambiente museal. Em particular, quanto à comunicação, se os educadores forem demitidos e as equipes forem enxugadas, a quem caberá preparar os conteúdos sob os novos formatos, por exemplo?

¹² No caso de museus e/ou coleções desaparecidos por incêndios, seus inventários se baseiam no que se foi e que é possível recuperar por registros e memórias, como no projeto *Lost Museum*, uma recriação tridimensional da principal atração turística e um dos locais culturais mais importantes dos Estados Unidos do século XIX: o *American Barn*, de PT Barnum (1841 a 1865). Este projeto é resultado colaborativo de oito anos (1996–2004) de pesquisa, interpretação e implementação por historiadores, curadores, bibliotecários, artistas, programadores, escritores, pesquisadores e animadores, sob a liderança dos produtores executivos Andrea Ades Vásquez, Joshua Brown e Roy Rosenzweig. Mais sobre o assunto consultar: <https://lostmuseum.cuny.edu/about.php>.

¹³<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/museus-em-tempos-de-covid-19-o-luto-e-a-luta.shtml>

Esse cenário de recuo, de enfraquecimento e de insegurança colabora para reflexões acerca das responsabilidades de museus para com os acervos e seus públicos. Os compromissos e as ações serão os mesmos? Ficarão tudo igual depois do desconfinamento social? Os museus voltarão a sua antiga realidade ou haverá uma nova realidade? Um documento publicado pelo Ibram, em junho de 2020, evidenciou uma nova realidade que será enfrentada pelas instituições museológicas brasileiras para que mantenham a continuidade das ações básicas voltadas à preservação, à pesquisa e à comunicação (IBRAM, 2020). Este documento apresentou algumas recomendações sobre a retomada gradual das atividades presenciais para este período, no sentido de garantir a segurança das equipes de trabalho, dos acervos e dos públicos.

As recomendações orientam as equipes para a adoção de rotinas específicas (regime de teletrabalho, escalas de revezamento, reuniões virtuais), a adoção obrigatória de equipamentos de proteção individual (EPI), em especial as máscaras, a disponibilização de álcool em gel nas áreas de trabalho entre outras coisas. Sobre os acervos, as recomendações destacam a ampliação da rotina de higienização e de limpeza dos acervos e o treinamento específico das equipes de limpeza dos museus, tendo em vista os protocolos de higienização adequados à desinfecção da COVID-19 (IBRAM, 2020, p. 3-4). No que se refere ao público, as recomendações orientam para a definição da capacidade de pessoas nos ambientes, considerando o distanciamento físico mínimo recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a reavaliação dos circuitos expositivos, o planejamento de regras de circulação, a observação da obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção para o público, mediante legislação local, a avaliação da possibilidade de fornecimento de máscaras pela própria instituição, o estudo de medidas de adaptação de áreas específicas, a alteração dos sistemas tecnológicos interativos para uso sem contato, a ampliação e a diversificação das ações virtuais de comunicação com o público em detrimento de eventos presenciais, a divulgação e a publicização, nos espaços físicos e virtuais do museu, de material e de campanhas educativas/informativas das autoridades médico-sanitárias sobre a prevenção ao coronavírus (IBRAM, 2020, p. 5-6).

Outro documento, divulgado em setembro de 2020, pelo Sisem-SP, apresentou as recomendações de protocolos para a reabertura gradual e segura das instituições museológicas públicas ou privadas do estado de São Paulo. Tal documento está alinhado às recomendações do ICOM e do Ibram e traz diretrizes específicas para o setor de museus no que se refere ao distanciamento social, ao trabalho presencial e

home-office, à limpeza e à higienização do ambiente e das pessoas, ao monitoramento de medidas sanitárias e à orientação de públicos e de funcionários, além de protocolos específicos para áreas técnicas, para exposições e para cursos e oficinas (SISEM-SP, 2020, p. 1-9).

Com a gradual reabertura das instituições museológicas paulistas será possível dar continuidade à análise neste novo contexto. A partir das constatações e das reflexões apresentadas foi elaborado um roteiro de questões, ainda inicial, para ajudar a levantar dados sobre os impactos, as estratégias e as novas práticas adotadas nestes museus. São algumas perguntas: como será a adaptação a essa “nova” realidade? Os museus paulistas irão se adaptar? As exposições, as ações educativas e os museus irão resistir? Haverá (novas) perdas relacionadas aos recursos humanos e aos recursos financeiros? Haverá (novas) perdas de espaços físicos nos museus? Em caso de fechamento, qual será o destino das coleções museológicas? Haverá resistência da população ou de grupos sociais e culturais específicos? Como a crise afetará as relações do museu com seus públicos? Quais serão as oportunidades de renovação para os museus e seus acervos? Quais serão as novas políticas públicas municipais, estaduais e federais voltadas ao setor cultural e, especificamente, ao setor museológico? Como o museu se reorganizará com o fim do distanciamento social e no contexto pós-pandêmico? As exposições e as ações de educação serão reformuladas? Quais as medidas de gestão e de segurança serão tomadas para garantir a segurança dos funcionários, dos públicos e dos acervos? Quais os planejamentos e as estratégias que serão adotados para atrair o público recorrente (público escolar), novos públicos e não públicos? Em termos comunicacionais, a democratização do acesso online será disponibilizada? Os museus levarão em consideração o público que não tem acesso à internet? O que os museus tradicionais podem aprender com os museus comunitários?

Considerações finais

Neste artigo retomei algumas constatações resultantes de uma análise sobre a comunicação, para além das exposições, em museus paulistas e paranaenses. Em seguida, apresentei outras reflexões, mais amplas, sobre crises e políticas públicas no setor museológico nacional, com especial atenção ao setor cultural e museológico paulista.

As constatações levantadas e as reflexões apresentadas ajudaram na formulação de um novo conjunto de perguntas para a continuidade da análise. A ideia, daqui para

frente, é mapear alguns dos “novos” desafios que são ou que serão colocados às instituições museológicas paulistas nos contextos pandêmico e pós-pandêmico. O retorno a estes museus se faz necessário para averiguação se estas instituições conseguiram manter-se ativas durante o isolamento social e como atuam após o retorno às atividades presenciais.

Referências

ABREU, João Pedro C. G. de. **Museus: Identidade e Comunicação - Instrumentos e contextos de comunicação na museologia portuguesa.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL), 2013.

BERGERON, Yves. **Los museos y las crisis. Tendencias en los museos norteamericanos.** *Museos.es*, n. 5-6, 2009-2010, p. 58-67. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3668550>>. Acesso: 05 set. 2020.

BOLAÑOS, María. **La belleza de la crisis.** *Museos.es*, n. 5-6, 2009-2010, p. 18-27. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/000075335586d490a82c6>. Acesso: 05 out. 2020.

COMITÊ PARA EDUCAÇÃO E AÇÃO CULTURAL DO CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (CECA BR – ICOM-BR); REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DO BRASIL (REM-BR). **Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da pandemia de COVID-19 na educação museal do Brasil.** Disponível em: <http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 02 set.2020.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM). **Report Museums, museum professionals and COVID-19,** 2020. Disponível em: <<https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/05/Report-Museums-and-COVID-19.pdf>>. Acesso em: 2 set.2020.

CURY, Marília X. O projeto museológico da exposição Brasil 50 Mil Anos. In: XAVIER, M. (Org.). **Resumos do Encontro de Profissionais de Museus: a comunicação em questão: exposição e educação, propostas e compromissos.** São Paulo, MAE/USP/STJ, 2003, p. 45-60.

_____. Análise de Exposições Antropológicas – Subsídio para uma Crítica. In: **XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, XIII ENANCIB, 2012, p. 1-20. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/view/3923/3046>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

_____. **Roteiro de Observações para visita a museus.** Disciplina “MEA 16 – Exposições Antropológicas”, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. Museologia: novas tendências. In: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lucia de N. M. Loureiro. **Museu e museologia: Interfaces e perspectivas.** RJ: MAST, p. 25-41, 2009. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

_____. **Recomendações aos museus em tempos de COVID-19.** Brasília, 2020. Disponível em: < https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Recomendacoes_Museus.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2020.

LIMA, Leilane P. de. A arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena em exposições museais no Centro-Oeste de São Paulo e Norte do Paraná. In: CURY, M. X. (Org.). **Direitos indígenas no Museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão.** São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016, p. 115-127.

_____. A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais In: CURY, M.X. (Org.). **Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações.** 1 ed.São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa; ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia, 2020, p. 203-220.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Report Museums around the world in the face of COVI-19,** 2020. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530>>. Acesso em: 8 jun 2020.

ROQUE, Maria Isabel. R. Comunicação no museu. In: BENCHETRIT, S. F; BEZERRA, R. Z; MAGALHÃES, A. M. (Orgs.). **Museu e comunicação: exposição como objeto de estudo.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010, p. 47-68. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=19629>>. Acesso em: 02 set. 2020.

SALADINO, Alejandra; MUNIZ, Tiago. No meio do caminho tinha um vírus: reflexões sobre os impactos do COVID-19 sobre o patrimônio cultural. **Revista Museu,** 18 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020.html>>. Acesso em: 20 maio 2020.

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO (SEC-SP). **Boletim UM – 10 Anos de ProAC.Editais,** Nº 3/2016. São Paulo: Unidade de Monitoramento da SEC SP, Dezembro de 2016. Disponível em: <<http://www.transparenciacultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/2017.02.17-Boletim-UM-n.-3-ProAC-Editais.pdf>>. Acesso em: 13 junho 2020.

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO (SISEM-SP). **Protocolo de reabertura do setor de museus do Estado de São Paulo.** Disponível em: < <file:///C:/Users/usuario/Downloads/Protocolo-de-Reabertura-do-Setor-de-Museus-do-Estado-de-S%C3%A3o-Paulo.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2020.

STUDART, Denise. Pandemia global de Covid-19 e Impactos para os Museus: Crise ou Oportunidade? **Revista Museu,** 18 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020.html>>. Acesso em: 20 maio 2020.

VIAL, Andréa D. Aspectos de uma política pública para os museus do Brasil. **Pol. Cult. Rev.,** Salvador, v. 10, n. 2, p. 167-187, jul./dez. 2017, p. 167-187. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/24478-93985-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/24478-93985-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 10 jun 2020.